

Os povos precisam se apropriar das novas forças produtivas para sua libertação*

*Irma Antognazzi***

"... las fuerzas productivas de la sociedad que crecen hasta escapársele de las manos a la burguesía, sólo están esperando a que tome posesión de ellas el proletariado asociado, para crear un estado de cosas que permita a cada miembro de la sociedad participar no sólo en la producción, sino también en la distribución y administración de las riquezas sociales ..."
Friedrich Engels (1877)¹

Resumo:

Os avanços nas forças produtivas são a plataforma que pode possibilitar a libertação do homem do tedioso trabalho de produzir sua vida material, desde que se pense a possibilidade de que sejam usadas, usufruídas e dirigidas pelos povos e não por setores minoritários. Propõe-se, assim, que pensemos as possibilidades que abrem os novos métodos de gestão da produção e os processos de planetarização que está produzindo o imperialismo, mas do ponto de vista dos povos e do poder popular.²

Introdução

A indiscutível validade da teoria materialista-dialética da história, ao revelar a natureza intrínseca do capitalismo, deve seguir sendo explicada e lembrada para as novas gerações. A venda de força de trabalho, o trabalho necessário e o trabalho excedente, a formação da mais-valia e o caráter do capital, são novidades para os jovens de hoje e tornam-se ferramentas conceituais imprescindíveis quando se pretende conhecer os processos históricos para atuar sobre a sociedade.

* Tradução de Ramon Casas Vilarino, doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP e membro do NEILS.

** Historiadora, professora da Faculdade de Humanidades e Artes da Universidade Nacional de Rosário, Argentina. Investigadora da área de Teoria da História e de Processos da História Argentina Contemporânea.

¹ A edição consultada não tem data. Ver bibliografia.

² Este artigo pode ser considerado a continuação da proposta de debate do artigo "A Sincronia *just in time*: uma crítica ao modo de fazer contemporâneo", de Terezinha Ferrari (2001).

Nessa linha de recuperar uma teoria enterrada ou insuficientemente conhecida, é necessário ir ao fundo da concepção materialista-dialética, o que permitirá abandonar preconceitos com relação ao papel que ocupam e podem desempenhar as novas forças produtivas.

Não vamos descobrir hoje a exploração capitalista. Já foi descoberta. É certo que as novas forças produtivas no marco do capitalismo aumentam a exploração. Não poderia ser de outro modo, porque estão implementadas desde as relações capitalistas de produção, desde os interesses da burguesia sustentados por seus respectivos aparatos político-ideológicos. Porém, as forças produtivas são um produto histórico (Engels, 1946).

Quem pensa que o socialismo nasce de um mero discurso, ou, mais ainda, de um discurso sustentado na aniquilação de tudo o que fez a humanidade a partir do capitalismo, pouco faz pela causa dos povos. A teoria materialista-dialética da história descobre o papel do desenvolvimento das forças produtivas e suas relações concatenadas dialeticamente no modo de produção. Os momentos de acumulação de forças produtivas implicaram a **possibilidade** de grandes revoluções na história da sociedade humana.

O mundo se encontra hoje diante de um vertiginoso avanço das forças produtivas, que foi possibilitado pelo capitalismo e particularmente estimulado pela confrontação com as experiências socialistas. Marx e Engels descobriram o papel do motor, **incessante, porém não linear**, do desenvolvimento das forças produtivas na história da luta de classes. Trata-se até agora de um desenvolvimento cada vez mais acelerado, marcado por saltos qualitativos que foram abrindo comportas, aprofundando e tornando complexa a relação do homem com a natureza e comovendo o conjunto da vida social, criando as bases materiais que serviriam para tornar possível o surgimento e desenvolvimento de uma sociedade comunista em escala mundial.

Não podemos desconhecer o caráter progressista da burguesia com relação ao estímulo para o surgimento e utilização das novas forças produtivas, porém, ao mesmo tempo, temos de destacar seu caráter retrógrado ao manter com unhas e dentes as atuais relações de produção já obsoletas. Não podemos esperar que, como classe, a burguesia se suicide.

O método da qualidade total

Dentro dessa vertiginosa rapidez e profundidade do desenvolvimento das forças produtivas, se encontram as formas de gestão da produção chamadas Métodos de Qualidade Total³, que já transcenderam os marcos da produção fabril para entrar em outras áreas da gestão profissional e administrativa privadas e estatais. Ainda que grandes grupos financeiros

³ Não detalhamos o método, pois nos remetemos ao artigo de Terezinha Ferrari (2001).

tenham o controle e se apropriem da crescente riqueza que produzem, assentam-se na criatividade e iniciativa dos trabalhadores mesmos. Operários-técnicos, chamados “participantes”, são formados pela burguesia tanto a partir dos centros de capacitação das grandes empresas como pelas universidades privadas e públicas, que adaptam programas e planos de estudo às necessidades do mercado de trabalho da grande empresa. Os manuais são entregues a todos os trabalhadores, através dos “team leaders”, para a completa compreensão dos métodos; organizam-se seminários dentro das fábricas para que os operários participem com suas idéias, estimulados pela gerência a adquirir capacidade reflexiva, de avaliação, de autocritica e de resolução de problemas que se originem e se descubram no processo produtivo. A fala seguinte, retirada de Monden (1993), é eloqüente:

“A técnica que chamamos sistema Toyota de produção nasceu como consequência de nossos esforços para competir com as indústrias de automóveis das nações avançadas do ocidente após a Segunda Guerra Mundial e sem contar com a ajuda de fundos ou de esplêndidas facilidades. **Um de nossos propósitos fundamentais foi, antes de tudo, incrementar a produtividade e reduzir os custos. Para conseguir este propósito, pusemos ênfase na eliminação das fábricas de todo tipo de funções desnecessárias.**⁴ Nosso método foi investigar uma a uma as causas das diversas operações ‘desnecessárias’ na fabricação e pensar procedimentos para sua solução, amiúde mediante a prova e erro. (...) A potência competitiva dos automóveis japoneses consiste em seu baixo custo e sua alta qualidade, que têm sido aceitos pelos compradores americanos, o que tem originado sérios problemas econômicos entre os dois países. (...) Já é tempo que ambos, Japão e EUA, mantenham a calma e não dêem vazão às suas emoções.”

Yasuhiro Monden, no prólogo de “El Sistema de Producción Toyota”, aconselha os “americanos” a imbuírem-se do método Toyota de produção “esperando o renascimento da vitalidade americana”. Diz ele:

“Sem a prosperidade dos EUA e de muitos outros países, o Japão não teria onde vender seus produtos. Se nós, japoneses, pudéssemos prestar alguma ajuda para o ressurgimento da economia mundial, asseguraríamos a nossa própria sobrevivência. **Para que as companhias japonesas sobrevivam por muito tempo no mercado mundial, haveremos de cooperar com as empresas estrangeiras, de modo que as companhias japonesas devam ir por sua conta, até, a outros países, a fim de fabricar produtos com trabalhadores e diretores estrangeiros. Definitivamente, o sistema de produção**

⁴ O grifo é nosso.

descrito neste livro deve ser utilizado por companhias colaboradoras e gente do estrangeiro. Para que as tecnologias japonesas se adiantem no futuro, haveremos de reconhecer que permanecer sempre não corresponde à condição humana e não devemos nos cegar pela soberba da boa fortuna. (...) Concluindo, ainda que diferentes pela raça e pela nacionalidade, todos somos filhos da mãe terra. Ao incentivar cada um a aperfeiçoar suas próprias capacidades, as pessoas de todos os países podem ao mesmo tempo sobreviver e prosperar.

Os manuais com que as grandes empresas transnacionais formam e capacitam seus trabalhadores na busca não só de “qualidade” e adequação às normas internacionais, senão que se instale como “filosofia de vida”⁵, são uma fonte documental de primeiro nível para conceber não só e não tanto as atuais formas de exploração da classe trabalhadora, mas os importantes avanços das maiores empresas do mundo, vanguarda nos novos métodos de produção e de gestão empresarial. É certo que sua leitura deve ser feita sem prejuízos que impeçam compreender os novos valores que postula e as novas relações no trabalho para favorecer os resultados da gestão fabril.

A quem beneficia e a quem prejudica?

Negar ou desconhecer esses avanços porque hoje estão sob o domínio da burguesia financeira transnacional é desconhecer uma parte essencial da teoria materialista-dialética da história, que permite descobrir como o desenvolvimento incessante das forças produtivas no marco da história das sociedades humanas foi acumulando pressão sobre o outro pólo da unidade dialética, que são as relações sociais de produção. Não advertir que estamos frente a um avanço das forças produtivas que se tornou possível graças ao trabalho humano é negar as possibilidades que abre para a construção de outra sociedade, na medida em que se consiga desarmar as barreiras que o poder capitalista em sua fase imperialista coloca para impedir que seus resultados sejam postos numa escala humana universal. Para situarmos numa postura revolucionária, é necessário descobrir e alentar as forças que vão permitindo destravar os mecanismos de exploração e de opressão, além de interpretar com objetividade as formas atuais das forças produtivas e as possibilidades que elas entranham.

A seguir, transcrevemos algumas recomendações dos manuais mencionados para o comportamento do pessoal da empresa.

Manual da Sidernet:

“Os principais benefícios que se obtêm a partir dos 5 S (palavras japonesas que começam com S: separar, ordenar, limpar, manutenção e melhora total e autodisciplina) são: incentivo à

⁵ *Implementación del sistema de calidad.* Sidernet S.A. (de circulação interna); *Sistema de producción Toyota. Trabajo Estandarizado/Kaizen. Manual del participante.* Toyota Argentina S.A. (circulação interna).

motivação, redução do índice de acidentes, trabalho em ambientes agradáveis, melhoramento nas relações entre pessoas, crescimento das pessoas. E agregam estas recomendações: ‘sofra menos, seja eficiente’. Se abriu, feche, se acendeu, apague. Se conectou, desconecte. Se desordenou, ordene. Se sujou, limpe. Se quebrou, conserte. Se não sabe consertar, busque quem saiba. Se não sabe dizer, cale-se. Se deve usar algo que não lhe pertence, peça permissão. Se lhe emprestaram, devolva. Se não sabe como funciona, não toque. Se é grátis, não desperdice. Se não é seu, não se meta. Se não sabe fazê-lo melhor, não critique. Se não pode ajudar, não atrapalhe. Se prometeu, cumpra. Se ofendeu, desculpe-se. Se não sabe, não opine. Se opinou, assuma. Se algo lhe serve, trate-o com carinho. Se não pode fazer o que quer, trate de querer o que faz.”

Manual da Toyota:

“Tratem de desenvolver seu próprio olho crítico. Ampliem sua capacidade de conscientização dos problemas. Sempre questionem a forma atual de realizar as coisas. Busquem os pontos que requeiram Kaizen. Perguntem-se: existe uma forma melhor de fazer esta operação? Existe um modo mais barato? Não fiquem satisfeitos com as coisas tal como estão. Mostrem interesse na resolução de problemas. A melhora é sinônimo de progresso. Aproximem-se das coisas com a mente aberta como a de um principiante. A mente questionadora sempre pergunta ‘por quê?’”.

É certo que, na sociedade capitalista, todo esse palanque da nova gestão está montado para garantir o crescimento dos ganhos, e, para isso, necessita-se aumentar a exploração e a opressão. A aplicação do Método de Qualidade Total se encontra sob o poder dos proprietários dos grandes grupos financeiros transnacionais, situação que confunde todavia a muitos analistas, mesmo os colocados do lado do povo, que não enxergam o problema com objetividade e não podem advertir que grau de organização significam, por exemplo, as Normas Internacionais de Estandarização da Produção, as ISO. E, ao negá-lo como parte da burguesia, privam o povo de conquistar essa ferramenta. Mais grave ainda, mesmo que indiretamente, contribuem para a consciência negativa acerca da máquina, contra o computador, contra os robôs, contra os métodos de gestão de qualidade que multiplicam esforços e reduzem custos, como se os povos em seu processo de libertação não necessitassem conhecê-los e dominá-los para colocá-los a seu serviço.

A gestão da qualidade total não reduziu a exploração. Pelo contrário, a taxa de exploração tem aumentado enormemente e o abismo entre “pobres” e “ricos” tem crescido. O processo de concentração do capital e do poder político foi acelerado. Ainda assim, esta situação não tem porque nos

confundir ao ponto de desconhecermos o avanço das forças produtivas feito pela humanidade como resultado de sua história, muito menos deixarmos de ver que esse desenvolvimento está criando **condições** favoráveis, bases materiais necessárias para podermos construir uma sociedade mais justa, solidária, que possibilite a libertação do homem do tedioso trabalho de produzir sua vida material. É claro que essa valorização objetiva das **possibilidades** produzidas pelo desenvolvimento das forças produtivas só pode ser pensada a partir da estratégia revolucionária, que buscaria colocar tudo que advém dessas forças a serviço da sociedade, dirigidas, administradas e controladas pelo poder popular e não por setores minoritários da sociedade que, para sujeitá-las a seu serviço, terminam por manipulá-las e deformam as enormes potencialidades que elas carregam.

Como recuperá-las para que as coloquemos a serviço da humanidade? Para ajudar a gerar consciência nos trabalhadores do lugar estratégico que ocupam com seu trabalho? Para que o conjunto do povo encontre as formas de rebater o discurso oficial acerca de que não há outros caminhos possíveis senão o “neoliberalismo”? Para que o povo descubra que, pelo contrário, há condições materiais para outra sociedade – em que o homem possa libertar-se efetivamente reduzindo a jornada de trabalho para produzir seus bens necessários – no marco de uma sociedade solidária e realmente soberana? Para que os povos possam aproveitar-se dos avanços obtidos em sua história através de milhares e milhares de gerações? Há possibilidade de que o povo comece a implementar, desde agora, por exemplo, em empreendimentos cooperativos e organizações populares, o método de qualidade total? Existem espaços próprios no campo popular onde já se possa começar a obter resultados de formas superiores de gestão?

Está claro que a humanidade atravessa uma etapa de transição entre uma forma de sociedade que perece – o capitalismo – e os novos intentos de uma sociedade superior. Então, temos o choque de valores velhos, como o individualismo, com os novos, como a solidariedade, que, todavia, não encontram espaço suficiente para desenvolver-se. E os métodos de qualidade total carregam formas de solidariedade que se chocam com os cânones individualistas e competitivos que o capitalismo encerra. Também sabemos que, em última instância, o ser social condiciona a consciência, porém ambos interagem dialeticamente e, portanto, a consciência atua sobre o ser social.

É certo que a burguesia obtém sua riqueza da exploração dos trabalhadores – ainda que sejam chamados de participantes, “team members” e “team leaders” – para obter mais altas taxas de lucro. Poderia se pensar que não seria esse o objetivo da burguesia? Claro está que, na medida em que obrigam os trabalhadores a inventar e descobrir melhorias que diminuam tempos inúteis no processo de produção, por meio de incentivos e pressões, cada invenção retira postos de trabalho. **Nos limites da sociedade capitalista** isso significa aumento do desemprego, da miséria, da pobreza, da

marginalidade. Para manter o emprego e evitar o retrocesso nas conquistas trabalhistas, os trabalhadores desenvolvem estratégias de sobrevivência. Podem esconder inventos ou descobertas como uma forma de defesa de seu trabalho, conscientes de que substituem a mão-de-obra humana pela máquina; também chegam a ocultar acidentes de trabalho, pois isso significa, no interior do capitalismo, possibilidade de demissão. Enquanto isso, o método da qualidade total está exigindo revisão e modificação de todos os passos da produção, através da reiteração da pergunta “por quê?” em cada fase de trabalho. Ainda que haja o apelo para que o trabalhador vista a camisa da empresa, uma vez que formaria parte da “família” (Toyota ou qualquer outra), o trabalhador sabe que está produzindo para uma família que não é a sua.

O método da qualidade total não pode funcionar plenamente na sociedade capitalista. E não só por causa dos freios colocados pelos próprios trabalhadores, mas, particularmente, porque a mesma burguesia, na defesa de seus interesses, impede seu pleno desenvolvimento. A aplicação atual destes métodos é apenas uma ponta do iceberg das novas possibilidades que poderiam desenvolver-se numa sociedade comunista. Ao surgir no interior do capitalismo, esses mesmos métodos operam como uma camisa de força. Paradoxalmente, a burguesia os adota como o mais progressista, porém o caráter retrógrado e conservador desta classe impede que se faça pleno uso deles.

Para nós que vivemos em uma sociedade capitalista e não tivemos a experiência socialista, custa-nos imaginar os resultados que produziriam a aplicação destes avanços em uma sociedade onde o povo tenha o poder, onde os resultados da gestão pela qualidade e a redução do tempo morto na produção sejam postos a serviço de toda a sociedade, quer dizer, que os trabalhadores administrem os tempos de produção e se sintam estimulados a criar melhoras que reduzam custos em função coletiva. Se continuamos aspirando a uma sociedade comunista mundial e se não nos deixamos engolir pela voracidade capitalista e por seus discursos do fim da história, deveremos advertir que estamos diante de um grande desafio, qual seja, descobrir as formas em que podemos colocar os avanços da humanidade a serviço de todos os seres humanos. Não vamos por esse caminho se não reconhecemos a importância estratégica que possuem os avanços obtidos nos processos de gestão atuais na grande empresa transnacional.

Também é válido e necessário, nas atuais condições das lutas de classes, desenhar táticas para resistir à perda de conquistas trabalhistas, porém a humanidade entrou na etapa de crise do modo capitalista (Antognazzi: 1999). É necessário estender a preocupação pela solução política. E, para isso, obter avanços na consciência e na organização da classe trabalhadora que, ainda que não concordem os intelectuais pós-modernos, segue sendo a classe objetivamente interessada na superação revolucionária do capitalismo.

Também é mister advertir que o avanço das forças produtivas cria **condições** propícias⁶ para o avanço da consciência. Marx e Engels o explicaram, quando diziam que a prática cada vez mais social na produção, ainda que a propriedade fosse privada, ajudava a criar condições materiais e subjetivas para o socialismo. No relativamente escasso setor de trabalhadores que estão organizados sob o método de gestão, se desenvolve uma prática em módulos e círculos de qualidade que são enfrentados, paradoxalmente, pelo individualismo proposto pelo capitalismo. Formas de solidariedade, de democracia na gestão, de organização e respeito às normas que o grupo decide, permitem descobrir a capacidade geradora de riqueza que tem essa gestão fabril.

Para concluir

É inegável que não se pode mesclar e confundir a análise do desenvolvimento das forças produtivas por um lado, e, por outro, o aumento da exploração que se reforça com as relações de produção capitalistas. Como disse Marx em carta a Pavel Annenkov:

“A máquina tem tanto de categoria econômica quanto o boi que puxa o arado. A aplicação atual das máquinas é uma das relações de nosso regime econômico presente, porém o modo de explorar as máquinas é totalmente distinto das próprias máquinas. A pólvora continua sendo pólvora, independente se é empregada para ferir um homem ou para curar suas feridas...”

Esta observação torna mais visível a necessidade da mudança de mãos, da questão do poder popular.

Uma coisa é como resistir à exploração, e outra como gerar a força social para terminar com ela. Esta é a tarefa política revolucionária. Não se trata somente de pôr abaixo a exploração capitalista que é cada vez mais selvagem, mas, sobretudo, recuperar para os povos os grandes avanços realizados pela humanidade, porque, ao apropriar-se deles, poderá o homem encarar com êxito a tarefa de endereçar a história do presente a um caminho humano. Só então poderão ser expressos em toda sua magnitude as incomensuráveis vantagens do *just in time*, dos círculos de qualidade, do aumento da produtividade e até da globalização, forma atual do imperialismo, em direção a uma forma superior que chamamos “planetarização humanitária”.

A pobreza não é resultado da produtividade, nem dos métodos de qualidade total, senão das relações de produção capitalistas que já demonstraram ser obsoletas. Ainda que isso seja uma das bases da análise

⁶ “Condições propícias” não devem ser entendidas como “determinantes”, mas como condições que abrem possibilidades que poderiam converter-se em realidade com a constituição de forças sociais e políticas correspondentes.

materialista-dialética da história, trata-se de um ponto que, no entanto, não está suficientemente assimilado entre aqueles que dizem defender a causa dos povos e, até, se definem como marxistas. Por isso, os povos necessitam possuir a teoria científica da história.

Bibliografia

- ANTOGNAZZI, Irma. (1999). “Forma política de la crisis en la Argentina actual”. *Anuario 18*. Rosário: Universidad Nacional de Rosário.
- CAYCEDO TURRIAGO, Jaime y ESTRADA ALVAREZ, Jairo (orgs.). (1999). *Marx Vive*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.
- ENGELS, Federico.(1946). *La situación de la clase obrera en Inglaterra*. Buenos Aires: Editorial Futuro.
- _____. (1877). “Carlos Marx”. In *Marx-Engels, Obras Escogidas*. Moscou: Editorial Progreso, sem data.
- FERRARI, Terezinha. (2001). “A sincronia just in time: uma crítica ao modo de fazer contemporâneo”. *Lutas Sociais*, 7.
- MARX, Karl. (s/d). “Trabajo asalariado y capital”. In Marx-Engels. *Obras Escogidas*. Moscou: Editorial Progreso.
- _____. (s/d). “Glosas marginales al programa del Partido Obrero Alemán”. In Marx-Engels. *Obras Escogidas*. Moscou: Editorial Progreso.
- MONDEN, Yasuhiro. (1993). *El sistema de producción de Toyota*. Buenos Aires: Ediciones Macchi.
- VVAA. (1998). *Transnacionalización y desnacionalización. La metamorfosis del capitalismo monopolista de Estado*. Buenos Aires: Ediciones Nosotros Mismos.
- ZARDOYA LOUREDA, Rubén. (1999). “Historia universal y globalización capitalista. Cómo se presenta y en qué consiste el problema”. In *Marx Vive*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.